

Marinha confisca casa de oficial que deu golpe

Carlo Wrede

■ Tenente comprou mansão e loja com R\$ 1,8 milhão que desviou de quartel

MARCELO MOREIRA

Uma mansão avaliada em R\$ 500 mil, no condomínio Pedra de Itaúna, na Barra da Tijuca, e uma revenda de veículos em Irajá, com 17 carros seminovos, foram alguns dos bens que o tenente Marcos Matheus Soares comprou com parte dos R\$ 1,8 milhão que desviou da Marinha. Com um salário médio de pouco mais de R\$ 1 mil, o militar contava aos amigos que a mudança em seu padrão de vida devia-se a uma herança que sua mulher recebera. Marcos está preso e sua casa foi confiscada pela Marinha. A loja de automóveis continua funcionando — o tenente conseguiu passar a revenda antes do golpe ser descoberto.

Na sexta-feira, o juiz Mário César Machado Monteiro, da 3ª Auditoria de Justiça Militar, tomará os depoimentos de cinco envolvidos no processo que apura o desvio do dinheiro da Divisão Anfíbia da Marinha. Além do tenente, foram denunciadas seis pessoas que participaram do esquema, que funcionou entre setembro de 1994 e março de 1995. Os responsáveis pelo Inquérito Policial Militar (IPM) acreditam que o volume do golpe pode ser maior do que o descoberto até agora.

Computadores — Marcos, de 25 anos, era responsável pelo pagamento na Base Almirante Heitor Lopes de Souza, onde servia. Ele trabalhou normalmente durante um ano e dez meses até começar a se aproveitar do acesso às senhas do sistema de computadores da folha salarial para desviar quantias milionárias. Em seis meses ele desfalcou a Marinha em R\$ 1.850.256,45. O dinheiro ia para a conta de parentes, militares que já haviam dado baixa e até para uma mulher que ele diz ser sua mãe-de-santo.

Com o dinheiro, ele trocou um apartamento alugado em Jacarepaguá pela casa na Barra da Tijuca. O militar comprou outros bens neste período: um apartamento em Jacarepaguá e duas salas comerciais na Barra. A Marinha está investigando se a venda da agência não foi uma forma de o tenente transferir parte do patrimônio para um *testa-de-ferro*.

O IPM foi aberto depois que a Marinha detectou um rombo na contabilidade da unidade de Marcos. E, checando dados e funcionários, chegou até ele. Preso em março, ele tinha na garagem de sua casa, um Omega, uma moto Kawasaki de 900 cilindradas e uma picape cabine dupla, todos zero quilômetro. Marcos tinha também dois telefones celulares e quatro linhas residenciais.

Propriedades — O dinheiro da Marinha foi parar nas contas da mulher do tenente, Andréa Valente Martins Soares; a sogra, Maria Cândida Valente Martins, a mulher que ele diz ser sua mãe-de-santo, Glycia de Oliveira Paiva, o marido dela, Acyr Rebello de Paiva e o filho do casal Carlos Alexandre de Oliveira Paiva. Os três últimos compraram propriedades em Poços de Caldas, Minas Gerais, para onde pretendiam se mudar. Todos os envolvidos moravam em Jacarepaguá no início do golpe.

Até agora, os oficiais responsáveis pelo IPM não conseguiram descobrir se há ainda outros envolvidos no esquema de corrupção comandado pelo tenente, que está sendo processado por peculato e furto. As testemunhas arroladas até agora são o capitão-de-mar-e guerra Lúcio de Souza Almeida, o tenente do Corpo de Fuzileiros Navais Marcelo Conde dos Santos, o capitão-de-fragata Fernando Roberto Alves, o cabo Luiz Carlos de Almeida e a filha de Glycia, Claudine de Oliveira Paiva Farias.



Marcos Matheus Soares dizia aos amigos que comprara a casa de R\$ 500 mil na Barra com o dinheiro de uma herança recebida por sua mulher.